

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JULIANA BORCKHARDT SOARES

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL:
O CASO DA FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO SPORT CLUB
INTERNACIONAL (FECI)

Tramandaí/RS

2022

JULIANA BORCKHARDT SOARES

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL:
O CASO DA FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO SPORT CLUB
INTERNACIONAL (FECI)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Diego Carlos Pereira

Polo: Arroio dos Ratos

Tramandaí/RS

2022

CIP – Catalogação na Publicação

Soares, Juliana Borckhardt

Os desafios da educação não formal: o caso da Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI) / Juliana Borckhardt Soares. -- 2022.
36 f.

Orientador: Prof. Dr. Diego Carlos Pereira

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Tramandaí, BR-RS, 2022.

1. Educação não formal. 2. Educação popular. 3. FECI. I. Pereira, Diego Carlos, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JULIANA BORCKHARDT SOARES

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL:
O CASO DA FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO SPORT CLUB
INTERNACIONAL (FECI)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Data de aprovação: 5 de outubro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Diego Carlos Pereira - Orientador

Universidade Federal Fluminense / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Gabriela Maria Barbosa Brabo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Jeferson Muniz Alves Gracioli

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Dedico este trabalho aos meus dois filhos, Leonardo e Ana Julia, neste ano, com 11 e 7 anos. Eles foram fundamentais para a conclusão desta trajetória, precisaram compreender tudo que passei. Compreensivamente, atenderam-me em todos os momentos de aflição. Que esta produção seja levada para suas vidas. Afinal, foi diante do amor por vocês.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus filhos, que compreenderam a minha ausência e entenderam o significado da palavra sacrifício. Ao meu marido, Silvio Vizani, à minha irmã, Roberta Borckhardt de Almeida e à minha amada avó, Adelina Eva da Rosa Borckhardt, pessoas que sempre estiveram presentes, compartilhando sentimentos e acalentando-me, fazendo questão de lembrar-me do que era capaz. À minha amiga e colega de UFRGS, Jaqueline Jaques Gomes, pessoa riquíssima em minha vida, da qual faço questão de ter por perto. Gratidão imensa a todos meus familiares e amigos.

Gostaria de agradecer especialmente, uma irmã de alma, um ser humano incrível que surgiu inesperadamente em minha vida: Rosemeri Dall' Agnol. Sou o que sou, graças a ela, afinal, incontáveis conversas com ênfase em aprendizagem e evolução, imensa dedicação. Independente da situação, sempre disposta a me auxiliar, fazendo questão de enfatizar minhas qualidades, mas pontuando as minhas falhas no intuito de me fazer crescer. Aquela que não precisava dizer que queria me ver bem. Aquela que nunca me deixou chorar sozinha, correu, viajou, se re-planejou, trocou tudo, mas chegava para me acudir. Não existe um problema que enfrentei que ela não estivesse ali. É um presente que faz parte de toda essa jornada. Obrigada, Rose!

Gratidão ao Professor Diego Carlos Pereira e à Professora Gabriela Brabo. Meus sinceros agradecimentos a todos os professores e tutores da UFRGS que, de certa forma, deixaram uma marca eterna em minha vida.

“Educação não transforma o mundo.

Educação muda as pessoas.

Pessoas mudam o mundo”.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa sobre os desafios da educação não formal, procurando identificar e valorizar os saberes advindos dos sujeitos que fazem parte desses espaços: educadores e educandos. A pesquisa apresenta a participação, os conhecimentos, a cultura e as experiências desses indivíduos, logo, identificando a importância destes espaços. Esse estudo se deu por meio de uma pesquisa qualitativa a partir de dados da Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI), que possibilitou a apresentação de outros espaços de educação não formal; salientando seus trabalhos com educandos de diversas faixas etárias no turno inverso ao ensino regular da escola, diferentes comunidades e evidenciando projetos para a educação popular. Observa-se a importância da educação não formal em diversos locais para a formação de nossos educandos.

Palavras-chave: Educação não formal. Educação popular. FECI.

ABSTRACT

This work was developed through research on the challenges of non-formal education, seeking to identify and value the knowledge coming from the subjects that are part of these spaces: educators and students. The research presents the participation, knowledge, culture and experiences of these individuals, thus identifying the importance of these spaces. This study was carried out through a qualitative research based on data from Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI), which enabled the presentation of other spaces of non-formal education; highlighting their work with students of different age groups in the opposite shift to regular school teaching, different communities and highlighting projects for popular education. It is observed the importance of non-formal education in several places for the formation of our students.

Keywords: Non-formal education. Popular education. FECI.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 OBJETIVOS.....	11
1.2 JUSTIFICATIVA.....	11
1.3 METODOLOGIA.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	14
2.2 FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO SPORT CLUB INTERNACIONAL (FECI)	18
3 ANÁLISE DE RESULTADOS	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTA	27
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM MÁRCIA PICCOLI, EDUCADORA SOCIAL..	29
APÊNDICE C – ENTREVISTA COM RUI BENTO, COORDENADOR	33

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta alguns desafios da educação em espaços não formais. A educação não formal procura valorizar os saberes advindos dos sujeitos que fazem parte desses espaços, valorizando a participação, os conhecimentos, a cultura e as experiências desses sujeitos; logo, identifica-se a importância destes espaços. Esse estudo, também, é fruto do interesse a partir de um trabalho realizado como Educadora Social da Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI), que me possibilitou conhecer outros espaços de educação não formal. O referido espaço disponibiliza um ambiente alternativo de educação, o “Interagir”, a “Interabilita” (Projeto Fisioterapia Neurofuncional Pediátrica), e localiza-se na cidade de Porto Alegre – RS.

A FECI também desenvolve trabalhos em escolas da rede municipal (educação formal), localizadas em áreas de periferia da Vila Bom Jesus, comunidade fortemente marcada pela violência e pobreza. Neste contexto é desenvolvido o “Projeto Educação Integral”, através da parceria com a Secretaria Municipal de Educação; esta ação desenvolve o processo de educação em turno integral, tornando-se referência em educação complementar e apresentando mais de 4000 beneficiários dentre as 38 escolas municipais.

A educação não formal precisa estar interligada com a educação formal e a informal, pois, conforme Gohn (2006, p. 28):

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

Este trabalho de pesquisa apresenta os desafios da educação não formal e busca analisar a sua relevância para um ensino de qualidade, estabelecendo parcerias e o utilizando de outros espaços educativos. O trabalho está organizado da seguinte forma: dando sequência a esta introdução, aparecem os objetivos, a justificativa e a metodologia utilizada; seguida pela revisão teórica, análise das

entrevistas realizadas e referências bibliográficas. Ao final, encontram-se o roteiro de entrevista e as respostas dos educadores entrevistados.

1.1 OBJETIVOS

Por meio dos objetivos, indicam-se a pretensão com o desenvolvimento da pesquisa e quais os resultados que se buscam alcançar: “A especificação do objetivo de uma pesquisa responde às questões para que? E para quem?” (LAKATOS & MARCONI, 1992, p. 102). Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é identificar as dificuldades e desafios da educação não formal realizados pela fundação, assim como a importância destes espaços, apresentando bibliograficamente os contextos desta modalidade.

Como objetivos específicos, apresentam-se: identificar os locais quais acontecem a educação não formal e como este ambiente se estrutura; conhecer os profissionais que atuam nesta área e seus saberes; e descobrir a contribuição da educação não formal no desenvolvimento dos sujeitos.

1.2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa apresenta a sua relevância para o desenvolvimento de sujeitos enquanto não estão na escola regular. Na educação não formal, realizada fora dos espaços escolares, a educação é baseada na troca de experiências em espaços e ações coletivas, desenvolvendo-se no mundo da vida e voltada para formação de cidadãos emancipados, ainda portadores de direitos e deveres para com o próximo. Além de estudar formalmente, dentro da escola, qual outro ambiente uma criança pode frequentar? Qual outro tipo de ensino há? Onde atua a educação não formal?

Como Educadora Social, os relatos que observo em comunidades que possuem um atendimento em espaços não formais de ensino são significativos. A educação não formal possui importância no desenvolvimento de qualquer

educando, sendo baseada no processo cultural, sociopolítico e pedagógico de formação cidadã. Ainda, auxilia os indivíduos a lerem o mundo de outra forma, compreendendo o que acontece ao seu redor; logo, podendo detectar e resolver problemas cotidianos e coletivos. Contudo, é sabido que escolas, isto é, ambientes formais, acabam não reconhecendo totalmente esses valores, que também são essenciais para a formação humana. Portanto, além do ensino regular, é preciso fazer com que as práticas sejam suficientes e que desenvolvam sentido para suas vidas.

1.3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, categorizada como qualitativa, foi realizada uma coleta de dados bibliográfica. Neste contexto, houve embasamento teórico de Maria da Glória Gohn e Paulo Freire. Foram entrevistados, também, educadores atuantes na área: Márcia Piccoli, educadora social no Projeto Interagir e Rui Bento Correa, coordenador geral da Fundação, que relataram como praticam seu trabalho no contexto da educação não formal a partir de um roteiro de entrevista semi-estruturada (Anexo). Ainda, apresentam-se informações pertinentes a respeito da Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI).

A pesquisa qualitativa descritiva consiste em esclarecimentos e conceitos advindos de participantes, que relatam suas experiências e compartilhamento de informações e hipóteses, reforçando o estudo de uma pesquisa com qualidade e eficiência. Deve-se destacar que alguns autores argumentam sobre a inconveniência de definir limites entre os estudos ditos qualitativos e quantitativos nas pesquisas, logo, devemos afastar a ideia de que somente o que é mensurável teria validade precisa e científica. Nesse sentido, por influência da perspectiva positivista, “a tradição quantitativa condenava a pesquisa qualitativa como sendo impressionista, não objetiva e não científica [...] já que não permite mensurações, supostamente objetivas” (MOREIRA, 2002, p. 43-46).

Segundo Malhotra (2001, p.155), “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise

estatística”. A pesquisa qualitativa pode ser usada, também, para explicar os resultados obtidos pela pesquisa quantitativa.

A pesquisa bibliográfica apresenta seus dados embasados historicamente sem via de mãos duplas. Nenhum tipo de aperfeiçoamento pode ser adaptado a uma pesquisa bibliográfica, que busca descrever fatos científicos e comprovados através de autores marcados e significantes frente ao tema. Logo, podemos salientar que a pesquisa bibliográfica exige uma dedicação diferenciada, pois necessita reunir e organizar textos publicados para apoiar e consolidar o trabalho. Para Lakatos e Marconi (2001, p. 183), a pesquisa bibliográfica,

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...].

Em suma, todo trabalho científico, toda pesquisa, deve ter o apoio e o embasamento na pesquisa bibliográfica, para que não se desperdice tempo com um problema que já foi solucionado e possa chegar a conclusões inovadoras (LAKATOS & MARCONI 2001).

Em meio à pesquisa descritiva, foi realizada uma entrevista com a coordenação da Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI), objeto dessa pesquisa. Esta entrevista se deu de forma presencial, com data marcada previamente na sede da Feci, localizada em Porto Alegre, no estádio do Sport Club Internacional. Toda pesquisa realizada presencialmente, sobretudo via entrevista, demonstra a importância de o pesquisador desenvolver habilidades, que por vezes o ensino tradicional não oferece aos alunos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

No Brasil, desde o surgimento das práticas de educação não formal, a mesma encontra-se vinculada à classe popular e à forte relação que estabelece, mais recentemente, com a assistência social, a capacitação para o trabalho e, ainda, a toda uma gama de atividades relacionadas à necessidade de fomentar atividades educativas, estas voltadas para trabalhadoras, trabalhadores e seus filhos. Ou seja, historicamente é a classe popular que faz uso da educação não formal.

Podemos salientar que, nos primeiros anos da década de 1960 em nosso país, as experiências de alfabetização de trabalhadores e trabalhadoras rurais – organizadas por Paulo Freire – marcaram aquilo que os governos nacionais e elites declararam impossível: a prática que poderia se reformular, desenhando não só uma alternativa, mas uma solução para analfabetismo, que, à época, vinha excluindo mais de 50% da população trabalhadora brasileira (FREIRE, 2006). A partir do Golpe de 1964, sobretudo, a desigualdade social ficou explícita, porém, ainda com estas informações, Paulo Freire destaca o papel da alfabetização na democratização de uma sociedade em pleno processo de mudança, além da possibilidade, a partir da alfabetização, da própria participação política pelo voto em um período de disputas entre projetos nacionais (FREIRE, 2006).

Diante deste cenário, a educação popular criticava fortemente tudo que havia de antipopular em um sistema educacional totalmente elitista, funcionando em uma relação nada dialógica e extremamente bancária, trazendo a visão nítida de um professor que apresentava o conhecimento através do ensino e os alunos, claramente, vinham a aprender. A alfabetização proposta por Freire aliava, portanto, em uma mesma ação educativa, a crítica da educação bancária com uma interpretação crítica da trajetória antidemocrática brasileira, abrindo meios para formas de participação política popular.

A substituição da educação popular para a não formal, ou ainda, contestatória para prática compensatória, advém de uma convocatória do Estado,

de diversos empresários, inclusive com a presença de representantes da igreja, estudantes e sindicatos, causando a impressão de que interesses totalmente opostos poderiam orientar práticas com mesmo sentido e objetivo. A imagem “bem feitora” da educação não formal não passou de uma briga de egos dentro da política, confundindo e mesclando informações.

Podemos explicar, mesmo reconhecendo os efeitos históricos da educação não formal, que, a sua prática em diferentes ambientes, sejam quais eles forem, procura valorizar os saberes advindos dos sujeitos que fazem parte desses espaços: ela valoriza a participação, os conhecimentos, a cultura e experiências desses indivíduos. Procura-se educar os cidadãos para o mundo, fazer com que compreendam o mundo à sua volta, ou seja, educar para a cidadania, formando sujeitos políticos portadores de direitos e deveres. Dessa forma, a contribuição da educação não formal para o desenvolvimento da identidade dos sujeitos, é, primeiramente, a busca pela sua valorização. Um exemplo significativo, que pode ser citado, são as ações afirmativas que destacam políticas de inclusão na perspectiva da reparação, como para os afrodescendentes.

A educação não formal também propõe a valorização da coletividade, pois todo sujeito traz consigo experiências sociais que podem ser compartilhadas com outras pessoas. Portanto, o trabalho da educação não formal é fazer com que esses indivíduos reconheçam seus saberes e compartilhem com os demais. Para Brandão (2004, p.17),

ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender - e - ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver.

As práticas de educação não formal geralmente ocorrem fora dos espaços formais de ensino, como em ONGs, associações de moradores, bibliotecas populares, movimentos e programas sociais, e em algumas empresas que desenvolvem programas em áreas sociais. Essas práticas são dadas, em sua maioria, por professores voluntários e educadores populares que buscam através da criatividade acolher esses indivíduos, de modo que, eles trabalhem compartilhando seus saberes e auxiliando os demais. Os processos de aprendizagens são desenvolvidos em espaços sociais de participação coletiva, no

qual o todo o processo das aprendizagens não é determinado pelas estruturas formais de ensino, mas pelo campo da educação não formal.

As aprendizagens e os saberes, fora do espaço formal de ensino, implicam a participação de um extenso debate epistemológico a respeito da produção de conhecimentos no mundo. Esse debate nos leva ao reconhecimento de que, os movimentos sociais, ONGs e entidades do terceiro setor também auxiliam na aprendizagem de saberes. Esse debate veio se alimentando através das críticas feministas, de Freire, dos estudos feitos entre os anos de 1960 e 1970 que progrediram na investigação da ação participativa.

Muitos educadores populares se sentem inferiores para ajudar a comunidade, às vezes por não possuírem diplomas. Valorizar e incentivar esses sujeitos são de extrema importância para o desenvolvimento dos projetos que serão realizados, pois eles detêm um saber único, o saber popular, que é muito importante para a comunidade. Freire (2004, p. 239) salienta:

Venho acompanhando já há algum tempo grupos de professores chamados leigos porque não têm o diploma, não têm o reconhecimento formal e, geralmente, são todos da classe popular. E venho acompanhando esse processo de formação, no qual a via central desse acompanhamento se dá na reflexão da prática por esse sujeito. Isso não começa de cara. Primeiro de tudo, esse sujeito precisa ser reconhecido como gente que pensa que faz. Esse sujeito geralmente chega a nós numa baixa autoestima, numa desvalorização de si próprio, do seu saber, ele precisa de um primeiro movimento, e o educador é um instrumento tal valioso nesse processo de atirar essa pessoa a dizer você sabe, você faz.

A participação dos indivíduos nesses espaços coletivos gera atitudes de cooperação, comprometimento e integração e coopera para formação de cidadãos direcionados para os interesses coletivos e para questões políticas. Para alguns estudantes da democracia participativa que defendem a participação da sociedade no interior dos Estados Democráticos, existe uma relação mútua entre os indivíduos e as instituições, pois a participação tem uma missão educativa e os sujeitos são envolvidos psicologicamente ao participarem das tomadas de decisão. Isso só é possível quando eles passam a conhecer e considerar os assuntos e interesses públicos.

A participação consiste num modo de socialização que faz com que, quanto mais os indivíduos participam, mais eles tendem a continuar nesse caminho. O

modelo participativo não é fácil e precisa ser construído através de intencionalidades e condicionalidades, de forma que os interesses públicos e as carências dos cidadãos sejam vistas como prioridade absoluta.

Atualmente, organismos internacionais do campo da educação salientam que os indivíduos devem estar em constante aprendizagem e que só a escola não basta, pois há saberes fundamentais para o desenvolvimento dos sujeitos que são descobertos fora dos espaços formais de ensino. Nesse sentido, se faz necessário que os sujeitos aprendam a estudar, analisar, discutir, debater, meditar, ou seja, formar-se cidadãos críticos. O aprendizado é um fenômeno central importantíssimo na vida do ser humano: não cabe apenas pensar o ato de aprender de forma mecânica – como era feito durante muito tempo pela Pedagogia tradicional –, mas é preciso que haja debates sobre a aprendizagem com horizontes e perspectivas, envolvendo a questão da educação, cultura e formação dos sujeitos.

A aprendizagem é uma aquisição de saberes e habilidades necessárias para a formação humana, que não pode se limitar a uma dominação adestradora de métodos, contidos em normas doutrinárias. É necessário levar em conta as experiências dos sujeitos e, principalmente, sua cultura, pois os sujeitos recebem o aprendizado conforme sua cultura, seus valores, suas normas comportamentais, sua conduta social, sua ética e seus modos de perceber o mundo. A classe social e o meio sociocultural a que pertence o indivíduo fazem parte da construção da sua identidade.

Nesse contexto, os espaços não formais vêm ganhando um lugar significativo na sociedade pois, como ocorre fora dos muros da escola, oportuniza o trabalho com sujeitos de várias idades, gêneros e identidades. Nesses espaços, os sujeitos têm uma liberdade maior para expressar suas opiniões e compartilhar seus conhecimentos, pois os objetivos principais estão na formação de cidadãos críticos que atuem na sociedade na qual estão inseridos, que desenvolvam formas de respeito às diferenças e atuem em coletividade.

As aprendizagens não formais dos movimentos sociais e ONGs objetiva a emancipação dos sujeitos: além de conteúdos escolares, eles aprendem sobre política e sobre a sociedade em que estão inseridos. Procura-se fazer com que os indivíduos compreendam o mundo de forma crítica, e não neutra, empenhando-se a fazer com que eles conheçam e respeitem as diversas culturas existentes – como as culturas afro e indígenas e os movimentos feministas – além de levantar questões

sobre economia, inclusão social e sustentabilidade das comunidades.

O mundo capitalista atual torna-se cada vez mais desigual entre as classes sociais, discriminando minorias e fazendo uma grande exclusão social. É necessário, então, aprendizagens focadas em um novo modelo de civilização, buscando a ética e a humanização dos indivíduos. Segundo Gohn (2014, p. 46): “[...] as aprendizagens não formais tem sido a entrada principal a pavimentar essa via”, pois as escolas formais acabam não reconhecendo totalmente esses valores que também são essenciais para a formação humana. É preciso fazer com que as práticas sejam construtivas e atrativas para os alunos, de modo que façam sentido para suas vidas. É necessário compreender e vivenciar o que se estuda, assim como são necessárias aprendizagens socioculturais que auxiliem na compreensão das vivências, dos sonhos, desejos e valores.

2.2 FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO SPORT CLUB INTERNACIONAL (FECI)

Para concretizar e atualizar todas estas informações e falas sobre a educação não formal, mesmo conhecendo todo o envolvimento político que nos conduz, devemos apresentar a Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI), a qual é objeto de estudo para esta pesquisa, presente durante todo o seu percurso e objetivos deste trabalho. Vale ressaltar, portanto, toda a sua caracterização, público-alvo, seus projetos e objetivos.

A Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional é a mais antiga das fundações ligadas a clubes de futebol do mundo. Instituída em 22 de julho de 1976, por ato do então presidente Frederico Arnaldo Ballvé, passou a atuar como entidade autônoma, com estatuto próprio, regida pelas normas legais vigentes e supervisionada pelo Ministério Público. Desde então, a FECI promove ações de estímulo à cultura, à educação e ao esporte para crianças, adolescentes e seus familiares, consolidando seu trabalho com propostas direcionadas ao resgate da cidadania. Suas práticas são permeadas a educação formal, ligadas ao Projeto Educação Integral, bem como a educação não formal, ao realizar atendimentos de férias escolares das escolas no SESC, na Timbaúva e no Parque Gigante. A FECI

possui um público atendido com média de 4 mil beneficiários, dentre 38 escolas municipais.

O Projeto Interagir, por sua vez, é um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, que atende crianças e adolescentes no turno inverso ao escolar e na faixa etária de 6 a 14 anos. Conta com técnico especializado para o atendimento e oferece as seguintes atividades: Artes, Artes Marciais (Karatê e Muay Thai), Esporte (Futsal, Vôlei, Slackline), Informática, Percussão e Pedagógico. O Interagir é mantido com recursos próprios e doações pessoais, já o Projeto de Educação Integral possui uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

No Projeto Interabilita são atendidas crianças de até 12 anos de idade e adolescentes de 13 até 18 anos com disfunções sensório-motoras. São oferecidas gratuitamente: Avaliação físico/funcional, intervenção fisioterapêutica, acompanhamento e orientação ao cuidador e assistência social à família. Seu público-alvo em 2021 foi de 20 beneficiários e suas famílias, contando com local de atendimento no Gigantinho.

A fundação possui muitas credenciais: é registrada no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente; possui certificação pelo Ministério da Justiça como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP); é parceira na Campanha de Enfrentamento à Violência contra Crianças e Adolescentes, promovida pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; membro do Comitê de Proteção a Crianças e Adolescentes Durante a Copa do Mundo; reconhecida pela European Association for Sport Management (EASM) Conference por suas ações sociais – fato que credenciou o Sport Club Internacional como o único clube de futebol no Brasil a ter um modelo de prática social a ser seguido pelos demais clubes. Ainda é destaque no Prêmio Itaú-Unicef 2015 na categoria Educação Integral: aprendizagem que transforma; é entidade promotora de Cidadania Fiscal, certificada pela Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul e, por conta disso, recebeu distinção na categoria “Destaque Comunitário” do Prêmio Líderes & Vencedores em 2013, realizado pela Federasul e Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Dentre outras medalhas, em 2011 a FECL recebeu a Medalha Cidade de Porto Alegre, pelos relevantes serviços prestados à comunidade.

Como referência para exemplificar a educação não formal, a FECL nos embasa diante dos desafios que essa educação precisa enfrentar, a partir de seus

educadores e profissionais, bem como seus espaços destinados para essas práticas. A missão da FECl destina-se a proporcionar ganhos à comunidade em geral, sem qualquer distinção, por meio de projetos sociais, educacionais, culturais e esportivos. Diante disso, podemos salientar o que diz a Constituição Federal de 1988:

Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Já a Visão Institucional da FECl é ser reconhecida como instituição de referência em ações sociais, dentro do terceiro setor. Logo, seus valores são o desenvolvimento de ações sociais, educacionais, culturais e esportivas de qualidade, que valorizem o nome da Instituição. Sua estrutura organizacional conta com as seguintes divisões: Divisão Educacional, Divisão Cultural, Divisão Assistencial, Biblioteca, Museu e Arquivo Histórico e Divisão Esportiva.

A FECl, assim como diversos outros ambientes de Educação não formal, apresenta-nos os principais desafios existentes atualmente em nosso país: incentivar o uso de ferramentas não formais, incentivar a visitação a espaços não formais (como Museus, Centros de Ciência, Parque Ecológicos), formar educadores capazes de integrar o sistema formal e o não formal, bem como repensar o currículo, tentando desfragmentar os conteúdos e percebendo que o conhecimento é dinâmico.

3 ANÁLISE DE RESULTADOS

A análise de resultados foi desenvolvida ao longo desta pesquisa, trazendo a capacidade de mensurar e interpretar os resultados obtidos. O desenvolvimento desta pesquisa, baseando-se no objetivo geral e nos objetivos específicos, examinou evidências compostas por dados coletados na Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECl).

Através de entrevistas com colaboradores e a coordenação da fundação, observou-se seus desafios, impactos, o relacionamento com o público atendido, suas demandas na Fundação, os locais onde acontecem a educação não formal, o perfil dos educandos e a participação das suas famílias que vivenciam os projetos dentro da FECL.

As famílias atendidas evidenciam a participação dos seus filhos, ainda que reconheçam a necessidade de estarem matriculados no ensino regular e frequentando a escola para que, assim, tenham a sua vaga dentro dos projetos da Fundação. Segundo Gohn (1999, p.32):

[...] a educação não-formal não deve ser vista, em hipótese alguma, como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo o que não é, mas sim pelo o que ela é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos

Durante a entrevista com a colaboradora Márcia Piccoli, de 59 anos, pedagoga, podemos identificar a importância do seu trabalho, sobretudo quando lhe é perguntado se ela acredita que pratica a educação não formal e como exerce. A colaboradora explica:

[...] porque no tempo que eles não estão nas escolas, eles são atendidos todos juntos e aqui. A gente consegue trabalhar com eles, individual [sic]. Como nesse momento, antes da entrevista, eu estava trabalhando com uma menina que teve dificuldade de fazer o tema. Então a gente faz nesse turno inverso aquilo que eles necessitam”. (Anexo A).

Ainda, notam-se as peculiaridades da educação não formal frente a formal, salientando seus valores e qualidades distintos, porém de alta necessidades para ambos os lados. Márcia responde com o que mais trabalha no Interagir (projeto que atende crianças no turno inverso ao da escola): “Eu desenvolvo aqui a parte pedagógica, né, certo? A gente trabalha com eles no apoio do turno inverso. Ali você tem que dar um reforço, reforço escolar” (Anexo A).

A educação não formal significa, para os entrevistados uma segunda chance diante da escola em ensino regular, um refúgio das “ruas”, mais aprendizagem. A pedagoga descreve a importância de estarem naquele ambiente:

[...] eu acho muito importante eles estarem aqui, porque eles ocupam a cabeça deles e não estando na rua. Nós, os professores, aqui, fizemos de tudo para que eles consigam aprender e levar alguma coisa para o futuro, né? Tanto na pedagogia, o atendimento pedagógico ou psicológico, na música. A gente tem um professor de música e o professor de educação física. Então, no esporte eles começam a interagir mais e aí não ficam nas ruas. Eles gostam de vir pra cá. (Anexo A)

O coordenador geral da FECCI, Rui Bento Correa, de 72 anos, também descreve a importância da educação não formal: “No meu entendimento, é muito importante para a formação das crianças e dos jovens que eles não têm todo o conhecimento em sala de aula e tendo a informal, eles conseguem complementar o conhecimento, desenvolver e evoluir como cidadãos” (Anexo B). Logo, podemos observar o que Gohn (2014, p. 41) avalia:

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das atividades das ONGs nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, educação e cultura.

Durante a entrevista, foi perguntado para a colaboradora e para o coordenador, quais seriam seus desafios frente as suas funções, dentro da educação não formal que a fundação desenvolve. Márcia Piccoli respondeu que “A gente tem, na verdade, tem mais dificuldade com materiais, com brinquedos, com material pedagógico. A gente estava tendo essa dificuldade” (Anexo A). Ela ainda completa: “[...] a fundação também trabalha com doações, né? Então, a gente fica na expectativa de ter novos brinquedos. A gente tem material e necessidade na alimentação e a gente está tendo esse retorno”. (idem) Já o coordenador, por sua vez, nos explica o seu desafio e como faz para remediar a situação: “Às vezes no relacionamento com os profissionais, pela formação deles, que não é a mesma que eu tenho”. (Anexo B) Ele completa: “Eu analiso a situação, converso com as pessoas, trocamos ideias. Procuo assessoria técnica, nossa assessoria pedagógica e conseguimos levar os assuntos da melhor forma” (idem).

Diante destas falas, podemos analisar que a ação coletiva compartilhada nestes ambientes é muito significativa e que há uma relevância enorme na qualidade da educação não formal através da maneira que se é conduzida. Segundo Gohn (2014, p. 40)

A educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Nossa concepção de educação não formal articula-se ao campo da educação cidadã [...]

Existe um impacto causado nos educadores que desempenham atividades em ambientes com educação não formal. Na entrevista, percebe-se a importância pessoal relatada pelo coordenador e pela colaboradora. Márcia Piccoli descreve este sentimento: “A gente aprende muito com as crianças, né? A solidariedade, também a gente aprende a ter mais amor, na verdade. Porque as crianças nos fazem sentir bem, as crianças nos ensinam. A gente aprende mais do que ensina” (Anexo A). Segundo Paulo Freire (2004), educar é criar as possibilidades para a própria construção de conhecimento, onde nos desenvolvemos e evoluímos junto aos educandos. Diante deste impacto, o coordenador da Fundação nos explica: “tive muitas boas experiências. Aprendi muito a lidar com crianças em diversas fases. Acompanhei o crescimento deles. Foi muito bom para mim esse conhecimento” (Anexo B).

Outro impacto, mas não muito diferente, vem através das famílias e dos educandos que são atendidos nestes locais. Seus sentimentos são muitas vezes vistos através do olhar, nem sempre da sua fala. O coordenador nos descreve que nunca fizeram esta medida frente a quantidade de atendimentos e de matriculados frequentando, mas nos salienta:

Nós nunca fizemos uma medida sobre esse impacto, como, mas sabemos que se sente muito bem, que são respeitados, até porque participam dos nossos projetos e muita gente quer participar. Só que nós temos limitações de vagas, então não temos como atender toda a comunidade que tem interesse. Mas fazer a nossa parte, com a maior qualidade possível”. (Anexo B)

E a pedagoga completa:

A fundação acaba acolhendo a comunidade, trazendo para eles não só doações de alimento de roupa, mas sim trazendo para eles a segurança dos filhos não estarem vulneráveis na rua, de poderem vir para o professor aqui, para a fundação e serem acolhidos aqui. Tanto as crianças quanto a família, porque a gente tem aqui um assistente social, um pedagogo, psicólogo. Então eu acredito que o impacto é esse, forte e acolhedor. (Anexo A)

Neste decorrer, viemos a salientar o objetivo geral desta pesquisa, que apresenta a identificação das dificuldades e os desafios da educação não formal, assim como a importância destes espaços. A entrevista com os participantes tece um diálogo extremamente significativo frente aos autores mencionados durante este trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, podemos verificar o quanto necessitamos de uma ação pedagógica fora dos muros da escola. A educação não formal é aquela que ocorre além do sistema formal de ensino, em diversos espaços tais como museus, bibliotecas, associações de moradores, ONGs, dentro e fora de instituições privadas ou públicas. Todos possuem a sua importância em meio ao processo de desenvolvimento de cidadãos, educandos, indivíduos, vidas. Para Brandão (2004, p.17):

ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender - e - ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver” (2007, p.7).

O objetivo geral desta pesquisa buscava identificar as dificuldades e desafios da educação não formal, assim como a importância destes espaços no meio onde ocorrem. Diante disto, foi realizada uma pesquisa dentro de uma fundação na cidade de Porto Alegre, a Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI). Nesta instituição também foi desenvolvida uma entrevista com o coordenador e uma colaboradora, que prestam atendimentos aos educandos que frequentam o espaço.

Inicialmente, durante a entrevista com os participantes, podemos compreender a importância da educação não formal para os indivíduos e suas famílias, logo, podemos verificar as atividades que são realizadas dentro da Fundação. Contudo, ainda é possível identificar os desafios que os entrevistados enfrentam na educação não formal. Conforme a participação dos entrevistados, verificamos que a educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem

cidadãos do mundo, no mundo. Ainda, observamos que a sua finalidade é garantir oportunidades de conhecimento sobre este mundo, logo, trazendo ênfase às suas relações sociais e entre si.

Por fim, podemos identificar que a importância desta modalidade de ensino é muito considerável e que os desafios existem, porém, há múltiplas possibilidades de remediação. Ainda, podemos entender que as escolas podem ser incentivadoras dos métodos não formais, pois é uma maneira de engajar os alunos e protegê-los nos momentos em que se encontram fora da instituição. Acredito que novas pesquisas possam ser desenvolvidas nesta área, afinal, é de grande valia para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 16 ago. 2022.
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Estrutura e funcionamento do ensino**. São Paulo: Avercamp, 2004.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006
- GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação – IIª Série, Número1**. São Paulo, 2014. Disponível em: https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf. Acesso em: 8 mar 2022.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação** Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 28-43, jan./abril. 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTA

EDUCADOR SOCIAL

- 1) Qual seu nome e sua idade?
- 2) Qual seu grau de instrução?
- 3) Qual atividade você exerce neste ambiente?
- 4) Quanto tempo você trabalha nesta fundação?
- 5) Você reconhece algo que aprendeu neste trabalho?
- 6) Você acredita que desenvolve a educação não formal? Por quê?
- 7) Você conhece outro local que possua Educação não formal? Quais? E que tipo de atividades eles desenvolvem?
- 8) Este trabalho te faz sentir bem? Por quê?
- 9) Em quais atividades você encontra maiores dificuldades?
- 10) Como você faz para lidar com as dificuldades?
- 11) Como você descreve o público que faz atendimento?
- 12) Qual a sua opinião sobre a importância da Educação Não Formal?
- 13) Quais atividades de educação não formal você desenvolve? Com qual objetivo?
Como é o planejamento dessas atividades?
- 14) Qual o impacto das ações da fundação na vida dos participantes e na comunidade em geral?

COORDENADOR

- 1) Qual seu nome e sua idade?
- 2) Qual seu grau de instrução?
- 3) Qual atividade você exerce neste ambiente?
- 4) Quanto tempo você trabalha nesta fundação?
- 5) Você reconhece algo que aprendeu neste trabalho?
- 6) Você acredita que desenvolve a educação não formal? Por quê?

- 7) Você conhece outro local que possua Educação Não formal? Quais? E que tipo de atividades eles desenvolvem?
- 8) Este trabalho te faz sentir bem? Por quê?
- 9) Em quais atividades você encontra maiores dificuldades?
- 10) Como você faz para lidar com as dificuldades?
- 11) Qual a sua opinião sobre a importância da Educação Não formal?
- 12) Como é coordenar a sua equipe? Quais os desafios?
- 13) Existe algum tipo de treinamento para os educadores?
- 14) A fundação possui quais atividades e locais com Educação Não formal?
- 15) Qual o impacto das ações da fundação na vida dos participantes e na comunidade em geral?

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM MÁRCIA PICCOLI, EDUCADORA SOCIAL

Juliana: [00:00:00] Então, boa tarde. Estou aqui com a Márcia, vamos fazer a entrevista aqui na FECl e a Márcia vai falar para nós aqui, iniciando com o seu nome e a sua idade, por favor, Márcia.

Marcia: [00:00:13] Meu nome é Márcia Piccoli. Eu tenho 59 anos.

Juliana: [00:00:17] Seu grau de instrução?

Marcia: [00:00:18] É superior completo em pedagogia.

Juliana: [00:00:21] Qual a atividade que exerce aqui?

Marcia: [00:00:23] A gente exerce aqui na fundação e no projeto interagir como monitora social.

Juliana: [00:00:30] Há quanto tempo você trabalha aqui?

Marcia: [00:00:31] No interagir, eu já estou há quatro anos.

Juliana: [00:00:36] Já desenvolveu outros trabalhos na fundação também, isso?

Marcia: [00:00:39] Sim, trabalhei também na fundação antes de ser funcionária do interagir. Era funcionário da FECl mesmo, da fundação, onde eu exercia numa escola lá na Restinga.

Juliana: [00:00:52] Você reconhece algo que aprendeu neste trabalho?

Marcia: [00:00:57] A gente aprende muito com as crianças, né? A solidariedade, também a gente aprende a ter mais amor, na verdade. Porque as crianças nos fazem sentir bem, as crianças nos ensinam. A gente aprende mais do que ensina.

Juliana: [00:01:15] Márcia, você acredita que desenvolve educação não formal?

Marcia: [00:01:18] Sim.

Juliana: [00:01:19] Por que, Márcia?

Marcia: [00:01:21] Porque o tempo que eles não estão nas escolas, eles são atendidos todos juntos e aqui. A gente consegue trabalhar com eles, individual. Como nesse momento, antes da entrevista, eu estava trabalhando com uma menina que teve dificuldade de fazer o tema. Então a gente faz nesse turno inverso aquilo que eles necessitam.

Juliana: [00:01:43] E tu conhece algum outro local que possua educação não formal?

Marcia: [00:01:47] Eu acredito que todos os SASES têm uma educação não formal, onde eles têm atividades diferenciadas da escola.

Juliana: [00:01:57] Sim, e tu sabe que tipo de atividades que eles desenvolvem lá, Márcia?

Marcia: [00:02:03] Eu também já trabalhei em SASE. A gente trabalha tanto com a educação como o aprender deles, o dividir, de ter atenção ao próximo.

Juliana: [00:02:16] Meios de convivência.

Marcia: [00:02:17] Meios de convivência, deles saberem respeitar o colega e os professores, como seres humanos.

Juliana: [00:02:24] E esse trabalho, Márcia, te faz feliz?

Marcia: [00:02:26] Muito.

Juliana: [00:02:27] Por quê?

Marcia: [00:02:28] Porque, às vezes a gente está em casa, tem vários problemas e quando a gente chega aqui, a gente vê que o problema deles é bem maior, né? E eles nos trazem uma vontade de viver, né? Eu sou bem acolhida por eles e quando a gente está doente, não vem trabalhar. Se falta, eles estão morrendo ou quando eles não vêm, né? A gente chega. Prof. Que bom te ver também.

Juliana: [00:02:55] Em quais atividades tu encontra maiores dificuldades?

Marcia: [00:03:00] A gente tem, na verdade, mais dificuldade com materiais, com brinquedos, com material pedagógico. A gente estava tendo essa dificuldade, né?

Juliana: [00:03:13] E como vocês fazem para lidar com essa dificuldade?

Marcia: [00:03:16] Então, a fundação também. Ela trabalha com doações, né? Então, a gente fica na expectativa de ter novos brinquedos. A gente tem material na alimentação e a gente está tendo essa, esse retorno agora, né?

Juliana: [00:03:32] E como é que você descreve o público que faz atendimento?

Marcia: [00:03:36] Nosso público são crianças bem carentes, as crianças de turno inverso, crianças que vêm de comunidade muito carente.

Juliana: [00:03:44] Qual a tua opinião sobre a importância da educação não formal?

Marcia: [00:03:49] Eu acho muito importante eles estarem aqui, porque eles ocupam a cabeça deles e não estando na rua. Nós, os professores aqui, fizemos de tudo para que eles consigam aprender e levar alguma coisa para o futuro, né? Tanto na pedagogia, o atendimento pedagógico ou psicológico, na música. A gente tem um professor de música e o professor de educação física. Então, no esporte eles começam a interagir mais e aí não ficam nas ruas. Eles gostam de vir pra cá.

Juliana: [00:04:28] E Márcia, quais as atividades da educação não formal que desenvolve?

Marcia: [00:04:34] Eu desenvolvo aqui a parte pedagógica, né, certo? A gente trabalha com eles no apoio do turno inverso. Ali você tem que dar um reforço, reforço escolar.

Juliana: [00:04:48] E qual o impacto das ações da fundação na vida dos participantes e na comunidade em geral?

Marcia: [00:04:55] Qual o impacto?

Juliana: [00:04:58] Isso. O impacto que a fundação causa nestas vidas. Na vida desses participantes, destas crianças e suas famílias.

Marcia: [00:05:05] A fundação acaba acolhendo a comunidade, trazendo para eles não só doações de alimento de roupa, mas sim trazendo para eles a segurança dos filhos não estarem vulneráveis na rua, de poderem vir para o professor aqui, para a fundação e serem acolhidos aqui. Tanto as crianças quanto a família, porque a gente tem aqui um assistente social, um pedagogo, psicólogo. Então eu acredito que o impacto é esse, forte e acolhedor.

Juliana: [00:05:35] Sim. Muito obrigada, Márcia.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM RUI BENTO, COORDENADOR

Juliana: [00:00:00] Dia 30 de agosto. Estamos aqui na FECl com o coordenador desta fundação. Vou pedir para o senhor iniciar falando o seu nome completo e a sua idade.

Rui Bento: [00:00:10] Meu nome é Rui Bento Freitas Correia, tenho 72 anos.

Juliana: [00:00:15] O seu grau de instrução?

Rui Bento: [00:00:17] Curso superior, sou engenheiro.

Juliana: [00:00:20] Qual a atividade que o senhor exerce nesse ambiente?

Rui Bento: [00:00:22] Sou coordenador geral do projeto de educação integral.

Juliana: [00:00:26] Quanto tempo que o senhor trabalha nessa fundação?

Rui Bento: [00:00:29] Eu trabalho desde 2004.

Juliana: [00:00:31] O senhor reconhece algo que o senhor aprendeu com todo esse tempo de trabalho?

Rui Bento: [00:00:36] Sim, tive muitas boas experiências. Aprendi muito a lidar com crianças em diversas fases. Acompanhei o crescimento deles. Foi muito bom para mim esse conhecimento.

Juliana: [00:00:48] O senhor acredita que o senhor desenvolve educação não formal?

Rui Bento: [00:00:51] Sim, o que nós trabalhamos em uma instituição privada que faz um trabalho de educação em parceria com o município.

Juliana: [00:00:58] E o senhor reconhece outro local que também possui educação não formal? Quais atividades desenvolvem?

Rui Bento: [00:01:05] Atividades semelhantes as nossas. Como a educação integral. A Fundação Pão dos Pobres, inclusive. Eles desenvolvem também esse trabalho, educação integral e também de outros projetos, que não sei dizer o nome. Também tem os Maristas, o Cesmar, o Centro Social Marista. Também faz um trabalho parecido com o nosso e também atendendo crianças desenvolvendo toda área da Educação.

Rui Bento: [00:01:28] Educação popular, público de baixa renda.

Juliana: [00:01:32] Esse trabalho faz o senhor se sentir bem?

Rui Bento: [00:01:35] Sim, faz muito. Porque me valoriza como cidadão. Isso é extremamente gratificante.

Juliana: [00:01:39] Senhor Rui, em quais atividade que o senhor encontra dificuldades?

Rui Bento: [00:01:45] Às vezes no relacionamento com os profissionais, pela formação deles, que não é a mesma que eu tenho.

Juliana: [00:01:52] E como o que o senhor faz para lidar com essas dificuldades?

Rui Bento: [00:01:57] Eu analiso a situação, converso com as pessoas, trocamos ideias. Procuo assessoria técnica, nossa assessoria pedagógica e conseguimos levar os assuntos da melhor forma.

Juliana: [00:02:10] Qual a sua opinião sobre a importância da educação não formal?

Rui Bento: [00:02:14] No meu entendimento, é muito importante para a formação das crianças e dos jovens que eles não têm todo o conhecimento em sala de aula e tendo a informal, eles conseguem complementar o conhecimento, desenvolver e evoluir como cidadãos.

Juliana: [00:02:26] Como é coordenar a sua equipe, além desses desafios que o senhor já nos explicou? Assim, referente ao grau de instrução dos educadores, como seria coordenar a equipe como coordenador geral da FECI?

Rui Bento: [00:02:42] Eu fui treinado e muitas vezes tive cargos de chefia em locais que eu passei e isso me deu um aprendizado a lidar com as pessoas, todas as culturas, todos os níveis sociais, de instrução, líder de grupo precisar aprender a todo instante, em diferentes situações. Surgem dificuldades, normal, mas a gente consegue superar as dificuldades que não possam desempenhar.

Juliana: [00:03:02] E existe algum tipo de treinamento para esses educadores?

Rui Bento: [00:03:05] Sim, temos um treinamento mensal que chamamos de encontro pedagógico, onde trocamos ideia, conversamos, analisamos os trabalhos e ali nós fortalecemos.

Juliana: [00:03:19] Educadores de todos os graus de instrução.

Rui Bento: [00:03:23] Pós-graduados, graduados, têm ensino médio... e hoje todos têm formação superior porque é uma exigência do contrato.

Juliana: [00:03:33] E a fundação possui quais atividades em quais os locais com educação não formal?

Rui Bento: [00:03:40] Hoje nós temos um projeto em parceria com a prefeitura, a educação integral que estamos atendendo, os alunos numa associação parceira e lá em Ipanema. Não é mais nas escolas. É na nossa associação que os alunos vão de manhã e da tarde para ser atendidos.

Juliana: [00:03:53] Aqui se faz a locomoção das crianças.

Rui Bento: [00:03:55] Nós levamos um ônibus contratado que aprende na escola. Ele leva até lá e depois leva de volta.

Juliana: [00:04:00] Esse é o de *educação integral*.

Rui Bento: [00:04:03] tem o *Interabilita*, que é um projeto interno aqui, que tratam as crianças com deficiências, diversos tipos de dificuldades, principalmente motora

Juliana: [00:04:11] E o Interagir.

Rui Bento: [00:04:12] Interagir é um projeto social voltado para o contra turno, evitando a saída da escola para “as ruas”.

Juliana: [00:04:21] Crianças em vulnerabilidade.

Rui Bento: [00:04:23] Também vai de famílias de baixa renda e que têm aqui o acompanhamento dos nossos educadores. O projeto também desenvolve atividades esportivas.

Juliana: [00:04:33] E, Sr. Rui, qual é o impacto que o senhor acredita que tenha das ações da fundação na vida dos participantes na comunidade em geral?

Rui Bento: [00:04:42] Nós nunca fizemos uma medida sobre esse impacto, como, mas sabemos que se sente muito bem, que são respeitados, até porque participam dos nossos projetos e muita gente quer participar. Só que nós temos limitações de vagas, então não temos como atender toda a comunidade que que tem interesse. Mas fazer a nossa parte, com a maior qualidade possível.

Juliana: [00:05:01] Muito obrigada.